

PAPIRUS: nasce uma editora só para o autor de Campinas.
Campinas, 04 dez. 1981.

Correio Popular.

Papirus: nasce uma
editora só para o
autor de Campinas

Correio Popular 4
12
81

Seguramente o livreiro mais jovem da cidade, Milton Cornacchia, proprietário da Papirus — que recentemente incorporou a “Vamos Ler” e mantém, portanto, duas lojas no Centro, — está anunciando sua disposição de experiência no ramo ao editar um livro de matemática de autoria do coronel Francisco Blasi, cuja edição se encontra praticamente esgotada, está com uma programação pronta para o ano que entra e o primeiro livro, inclusive, já está no prelo. Trata-se de um volume de poemas do Grupo Oficina, que tem à sua cabeça o poeta Regis de Moraes.

Entre os títulos previstos para 1982, encontra-se um volume de astronomia (lançamento marcado para março), uma tradução de “Ninguém É Culpado”, de Bob Hoffman, e “Sinhá-Moça”, o celebrado romance de Maria Dezonne Pacheco, fora do mercado desde 1954. Mas isso não é tudo: a meta de Milton é atingir 12 títulos no primeiro ano de funcionamento da editora, criando assim condições de auto-sustentação editorial, cada título suportando comercialmente o outro. Por isso, já está quase certa a publicação de dois livros de psicologia da professora Sulami Pereira Guedes. Em princípio, a idéia é prestigiar a cultura local, publicando só autores de Campinas.

“Hoje o peso cultural da cidade não pode mais ser ignorado por ninguém”, diz Milton. “Temos um Paulo Freire, um Carlos Rodrigues Brandão, Rubem Alves. O que faltou, até agora, foi veiculação do nosso produto intelectual mediante nossos próprios recursos”.

Apesar de entrar no ramo com boa dose de surpreendente otimismo, Milton Cornacchia — que, como livreiro, não desconhece as dificuldades de se trabalhar com livros nos dias que correm — já definiu sua linha de publicações e não pretende sair fora dela: vai editar basicamente livros didáticos e paradidáticos. De ficção ou poesia, só mesmo aquilo que puder entrar como leitura obrigatória nos currículos escolares. Mas para os autores de contos e poemas Milton sugere uma possibilidade: a formação de cooperativas e a edição em antologias.

Segundo ele, “poesia vende realmente muito pouco e mesmo ficção está enfrentando problemas”. O fenômeno é recente, ao que parece. Numa conversa recente que teve com livreiros da cidade, Milton constatou que, desde há alguns meses, até mesmo “best-sellers” como Alvin Toffler e Fernando Gabeira estão empoeirando nas prateleiras, vítimas do alto custo do livro e da falta de dinheiro generalizada. O didático e o paradidático, entretanto, continuam tendo extraordinária saída.

CMUHE013708

